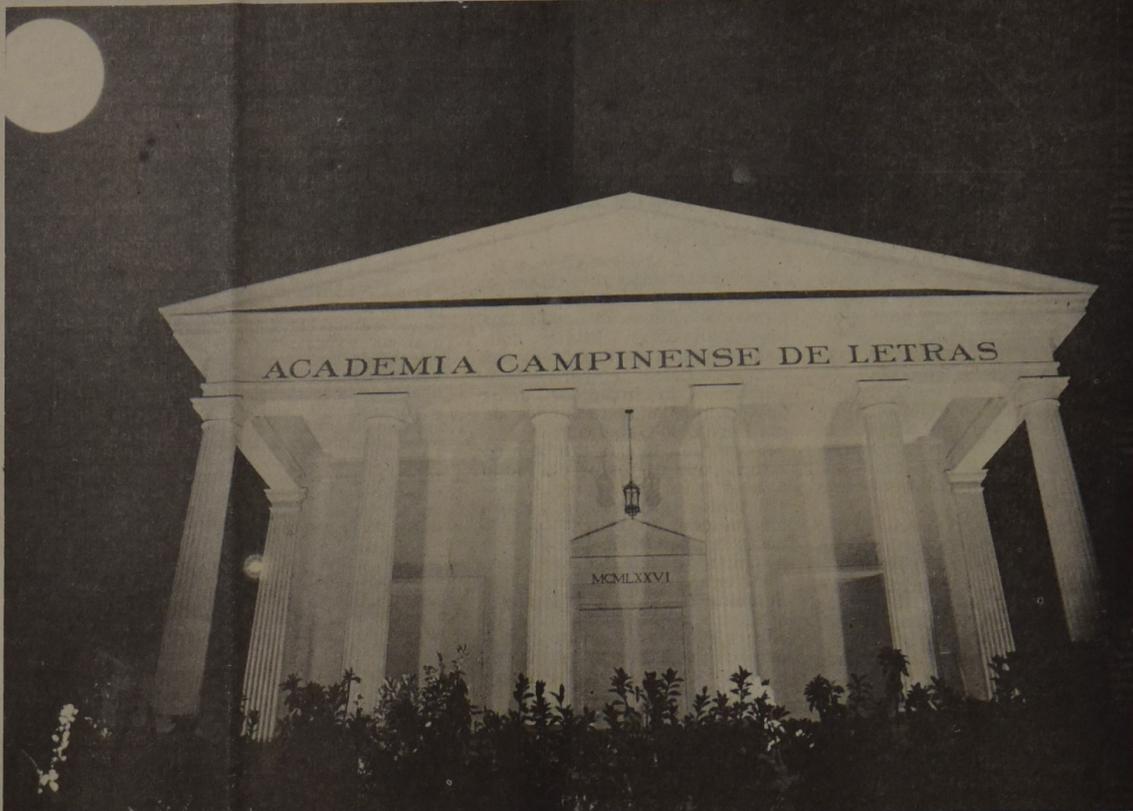


CAMPINENSE Um verdadeiro mistério cultural. Excesso de cultura, inflação de intelectuais (tantos que uma Academia só, com seus 40 lugares, não basta)? Mais um, ou melhor, mais dois motivos para que a cidade ostente a fama de "grande centro cultural" (como Uma pista: cantam os catálogos turísticos)? o próprio nome (ou o nome próprio).

Na verdade, a versão corrente: era uma vez uma Academia de Letras chamada Campinense. Um dia seu nome feriu ouvidos puristas. Os donos desses ouvidos, preocupados com a preservação das raízes etimológicas da cultura campineira (nada de campinense!), resolveram instalar uma segunda Academia — a Campineira de Ciências, Letras e Artes. A explicação etimológica líquida o mistério, desfaz as dúvidas, encerra a novela. Ledo engano — como diria Camões. Ao contrário do que pensava Heidegger, a explicação etimológica, no caso, não resolve as profundezas. Apenas roça as fraldas do problema — como diriam os parnasianos. Há mais mistérios entre os fatos e as letras do que ruma a nossa vã literatura — como diria... (frase a ser completada pelo leitor culto).



Uma só não basta? (Prédio da Academia de Letras)

Uma, duas Academias. Por quê?

O "campinense" da primeira Academia de Letras da cidade, fundada em 1956, já chegou, de fato, a irritar e afrontar ouvidos. Foi há pouco menos de uma década, tempo em que o país ainda celebrava a conquista do tricampeonato e navegava ao sabor do "milagre econômico". Como também era época de (muita) censura, todo bizantinismo era bem-vindo.

De repente, mas não muito de repente, a questão emergiu nas páginas de jornal, inflamou as conversas de intelectuais acadêmicos. Discutiam-se acerbamente os direitos de existência daquele "campinense" pouco usual, esdrúxulo e inautêntico, segundo ataques dos opositores.

Prova de que a questão perdeu sua importância - ou não passava mesmo de questão - é o jeito ameno com que o professor Francisco Ribeiro Sampaio, fundador da Campinense, defende hoje esse nome outrora execrado.

Nada de erudição, diz. O nome foi dado sem pretensão. Além do que, é morfológicamente correto: o sufixo "eiro", explica, costuma ser aplicado a profissões, exceção feita a "brasileiro" e "mineiro". E o sufixo "ense" já era utilizado por aqui: há no Cambuí uma rua que traz o nome de um filantropo e, embaixo, o gentílico "campinense", conta o professor.

"Coisa antiga", comenta, "do século passado". Fato que demonstra que, na disputa pelo purismo etimológico, fica difícil até mesmo indicar quem é o mais purista.

Por que não aqui?

Se o fator terminológico não foi o mais importante, o que determinou a criação de uma segunda Academia em Campinas?

O professor bem poderia dizer, com um suspiro, que a

história é comprida. Não diz e, sem pressa ou cansaço, conta a história desde o começo.

Em 1956, Sampaio era vereador e decidiu que era hora de Campinas ter a sua Academia. "Ribeirão Preto já tinha uma". Convidou os amigos e formou o primeiro núcleo: seu pai, o professor Benedito Sampaio, o médico Paulo Mangabeira Albernaz, e mais Teodoro de Souza Campos Jr., Armando dos Santos e "o dr. Stevenson".

A Campinense de Letras começou funcionando na Secretaria de Educação, que era então dirigida por Ruy Novaes e ocupava dependências do Teatro Municipal - o mesmo teatro que o mesmo Ruy Novaes posteriormente, como prefeito, iria demolir. A sessão inaugural contou com Ibrahim Nobre, "orador inflamado da Revolução de 32".

Na mesma reunião, porém, começavam a pegar fogo as divergências, cujas raízes estavam longe de ser puramente intelectuais. O primeiro dissidente revelou-se logo: era o jornalista Luso Ventura, que se recusou a sentar-se entre os acadêmicos durante a inauguração.

Luso, redator do "Correio", havia combatido violentamente um projeto da Câmara que instituiu a remuneração dos vereadores. O projeto caiu, foi refeito por Sampaio e acabou se transformando em lei numa votação secreta. Os udenistas da cidade protestaram, atacando o vereador. Sampaio respondeu com um artigo: "A UDN campineira, a mais barateira". Em seguida renunciou à vereança, confessando-se "enjoado".

Fundada a Academia, Luso Ventura não foi incluído em sua primeira diretoria. Magoado, não comparecia às reuniões. Que eram, às vezes, realizadas nas casas dos próprios acadêmicos. Numa delas, já na década de 60, o médico Monteiro Salles (que morreu em 81) propôs a Sampaio: "vamos excluí-lo".

Escaramuças acadêmicas

Não foi preciso. Luso excluiu-se a si mesmo, juntou-se ao cronista Paranhos de Siqueira e ao historiador Jolumá Brito e com eles fundou, em 1970, a Academia Campineira de Ciências, Letras e Artes.

O historiador Jolumá Brito - João Batista de Sá na certidão de nascimento - entra na história como candidato frustrado à Academia Campinense de Letras. Seu ingresso, como ele próprio conta, teria sido barrado por Sampaio. "Jolumá escreve muito, mas é fraco em português; não serve", teria dito o fundador da ACL ao jornalista Luso Ventura quando se compunha a lista dos primeiros 40 acadêmicos.

Sampaio, evidentemente (?), nega o fato. "Jolumá é um homem que estimo", assegura. O que em nada contribuiu para aplacar a mágoa do historiador, que um dia não hesitou em abordar o professor, entre irônico e amistoso: "Admiro muito a sua correção de linguagem. Para falar a verdade, até mesmo invejo. Se algum dia você precisar de qualquer coisa sobre a história de Campinas, não se vexa, é só falar comigo".

Há mais: "A idéia da fundação da Academia do Sampaio foi minha. Os intelectuais se reuniam no Centro de Ciências, Letras e Artes e eu mantinha no "Diário do Povo" uma coluna de variedades, "Bazar", muito lida. Lancei a idéia na coluna. Não fui o fundador, fui o idealizador. Sampaio apanhou a minha idéia e...".

Antes de duplicar o patrimônio acadêmico de Campinas, contudo, o trio - Jolumá, Luso e Paranhos de Siqueira - teve o cuidado de consultar Lycurgo de Castro Santos Filho, presidente da ACL em 1970. Havia incoerência em criar uma agremiação concorrente? "Lycurgo é um sujeito aberto, liberal", afirma Jolumá. A resposta: "não há nenhum inconveniente".

Dois vezes "imortais"

E foi assim que nasceu a Academia Campineira de Ciências, Letras e Artes. Mas não se acabou a história nem morreu a vitória. Foi anos depois da fundação da ACCLA que se acendeu na imprensa e nas rodas acadêmicas a polêmica etimológica, lembrando e reproduzindo outras semelhantes que haviam sido travadas em 56, na aurora da ACL.

Os ressentimentos não se apagaram, apesar da "amistosa" troca de cumprimentos. E a disputa permanece em outros termos, inclusive pela posse dos intelectuais disponíveis. Alguns deles são duplamente acadêmicos. Caso do ex-livreiro Messias Gonçalves Teixeira, que acaba de ingressar na ACL, depois de já fazer parte da ACCLA. Outros são candidatos a essa dupla "imortalidade". Caso da cronista Nair de Santana Moscoso, acadêmica da Campineira que já se considera com um pé dentro da Campinense.

Em outro terreno, a Academia Campinense de Letras chegou na frente. Em 75, ganhou do prefeito Lauro Pércles Gonçalves o prédio em estilo helênico situado na radial Penido Burnier. Curiosamente, o ex-prefeito, que parece ter pretendido com este gesto parodiar seu homônimo grego (reeditando em Campinas, senão umas décadas, uns anos de ouro), é hoje "imortal" da ACCLA. O prédio da Academia Cam-

pinense de Ciências, Letras e Artes, na rua Dr. Mascarenhas, foi emprestado pelo atual prefeito, Francisco Amaral, no início de seu mandato (77). Precisa de uma pintura e o forro estava caindo. Foi consertado com o dinheiro dos acadêmicos, segundo Jolumá. Talvez por isso a Academia tenha preferido homenagear o ex-prefeito... embora transmita na Câmara um projeto doando o imóvel à entidade.

Farpas e ironias

Mais antiga e mais conhecida que a "outra", tida às vezes como sua irmã pobre (outra fonte de ressentimento), a Academia Campinense de Letras conserva uma biblioteca de 20 mil volumes e, para que suas reuniões se equiparem às sessões acadêmicas nacionais e estaduais só falta mesmo o fardão. Os acadêmicos não rejeitam medalhas nem hesitam em envergar "smoking" nas solenidades.

Apesar de enumerar tais e tantas vantagens, o acadêmico Francisco Ribeiro Sampaio reconhece que "há muita gente boa fora da Academia" - pessoas que "não se interessam, não têm tempo ou não creem no espírito acadêmico". E também não deixa de lançar uma derradeira farpa às múltiplas opções oferecidas pela "outra", a de Ciências, Letras e Artes: "só falta o futebol".

Jolumá Brito, por seu turno, tendo já descarregado suas ironias, anuncia sua décima-primeira viagem à Torre do Tombo, onde fará novas pesquisas sobre Campinas. Autor da biografia oficial de Carlos Gomes ("O Tônico de Campinas"), Jolumá já alcançou, segundo ele, o trigésimo-segundo volume da sua obra sobre a história da cidade. Não lhe foi perguntado se ela inclui as peripécias e peraltices acadêmicas. Portanto, nada mais disse.

POESIA

de Maurício de Moraes

Ilustração de Martins



Soneto

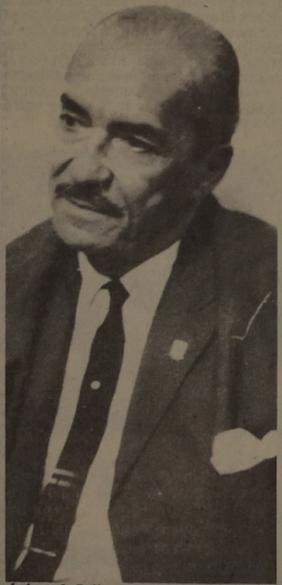
Do sonho que levo das horas de paz
revejo que peno silêncio sem morte
que a vida profana em corpos de ferro
os justos que buscam a paz dos repousos
Por que nos maltratam esporas de pedra
por longos caminhos passados em sombra
Por que nos desnudam palavras de dor
se Deus não se sabe nem sempre procura

os pagos de luz que destinos ocultam?
Agora procuro sem sol de esperança
meu lado inocente que perde o poder
de ir conquistando em céus de violência
a paz que nos cobre a todos de amor
num mundo em poesia ausente em pecado!

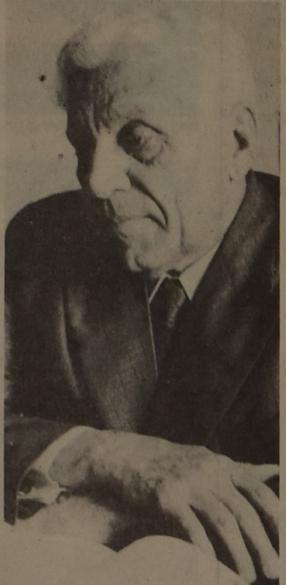
De um episódio de tristeza

A carne que é rubra
de boi paciente
do campo e serrado
às tardes de chuva
a carne não pode
de gosto melhor
ir à boca do pobre
que rico é que pode
doeu na memória
em dia passado
o homem salário
tão mínimo zero
sonhou com a carne
no prato dos filhos
comprar não comprou
meus olhos de dor
mais rubros que a carne
ficaram molhados

de pena de mágoa
que o homem despido
de triste perdeu
destino da vida
meu chapá pensei
não ligue pra carne
eu sei que isso dói
o filho menino
de olhos no fundo
de louca vontade
um dia no mundo
terá sol e carne
que todos terão
que dia haverá
de paz e de pão
de safras sementes
pra boca das gentes
de carne e oração!



Jolumá Brito: "é fraco em Português", teria dito Sampaio.



Francisco Ribeiro Sampaio: na "outra" só falta o futebol...